



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 01, pp. 53312-53317, January, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.23718.01.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

CADERNOS DE PLANEJAMENTO DOCENTE COMO FONTE E/OU OBJETO PARA INVESTIGAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA: DA MATERIALIDADE DOS CADERNOS ÀS BRICOLAGENS PEDAGÓGICAS DA REDE MUNICIPAL DE UMUARAMA DE 2009 A 2014

Elisangela Alves dos Reis and Elaine Rodrigues

Doutora em Educação- UEM, Endereço: Rua Cedro, n.º685, Bairro Jardim Oriente-Perobal-Pr- CEP: 87538-000
Doutora em História-UNESP, Endereço: Avenida Advogado Horácio Raccanello Filho - de 4666/4667 -Zona 07

ARTICLE INFO

Article History:

Received 15th October, 2021

Received in revised form

17th November, 2021

Accepted 18th December, 2021

Published online 28th January, 2022

Key Words:

Ensino de História,
Caderno de Planejamento Docente,
Bricolagem.

*Corresponding author:

Elisangela Alves dos Reis

ABSTRACT

A presente pesquisa desvela os cadernos de planejamento docente, dos professores que ministram a disciplina de história no segundo ciclo do Ensino fundamental I, como fonte para investigar o ensino de história. Partimos do pressuposto de que a problematização destes como fonte e/ou objeto nos permite identificar quais saberes foram prescritos/autorizados para esse público em dado recorte temporal. Portanto, podem representar/veicular as intenções do currículo, os modos de apropriação e resignificação dos saberes, as práticas metodológicas, a resistência dos docentes e as bricolagens realizadas tanto pela óptica das estratégias quanto das táticas. Para problematizar uma possibilidade de percurso metodológico a ser feito a partir de cadernos como fonte, apresentamos a análise material de 10 cadernos de planejamento docente da rede municipal de Umuarama de 2009 a 2014.

Copyright © 2022, Elisangela Alves dos Reis and Elaine Rodrigues. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Elisangela Alves dos Reis and Elaine Rodrigues. "Cadernos de planejamento docente como fonte e/ou objeto para investigação do ensino de história: da materialidade dos cadernos às bricolagens pedagógicas da rede municipal de umuarama de 2009 a 2014", *International Journal of Development Research*, 12, (01), 53312-53317.

INTRODUCTION

Problematizar o Ensino de História no Ensino Fundamental I fomenta o campo de pesquisa e nos permite compreender quais conteúdos foram entendidos como socialmente válidos para essa disciplina em um determinado recorte temporal, sobretudo, por termos nessa etapa de ensino uma pluralidade de professores formados em Pedagogia e não historiadores de ofício; na maioria das escolas públicas do Paraná inclusive, um único docente ministra todas as disciplinas que compõe o currículo oficial do Ensino Fundamental I. Ao problematizá-las contribuimos para o cotejamento e compreensão das aproximações e distanciamentos entre os saberes veiculados no currículo oficial para o ensino de História (estratégias) e as apropriações docentes (aquí tomadas como táticas), adentramos em um terreno fecundo, no entanto árido, pouco explorado e sem assertivas a priori. O caminho árido percorrido nessa pesquisa circunda sobre as metodologias para o Ensino de História e não a didática do Ensino História, pois a esta última há um campo de investigação vasto, que não é objeto e pretensão desta análise ao

operacionalizar os cadernos de planejamento docente. Como uma caixa de Pandora, os cadernos escolares são "[...] testemunhos dos exercícios escolares, das práticas pedagógicas e do desempenho dos alunos no contexto da sala de aula" (CHARTIER, 2007, p. 13). Possibilita cotejar o ensino desejado com as propostas práticas sugeridas; das estratégias às táticas! (CERTEAU, 1996). As estratégias correspondem a um cálculo de relação de forças empreendido por um sujeito detentor de algum tipo de poder que, por esta via, "[...] postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta" (CERTEAU, 1996, p.46). Nesse sentido, a estratégia está sempre ligada a um lugar, uma instituição por exemplo, que determina as regras do que pode ou não ser dito, mas sobretudo o que pode ou não ser aceito pelos pares. Certeau (1996) nos auxilia a problematizar e pensar as práticas cotidianas na escola, observando as marcas e o lugar social de quem as produziu. Com base em uma construção historiográfica, esta pesquisa trabalhou sobre o morto, por meio de uma escrita folheteada iluminou as práticas cotidianas, representadas nos "invisíveis" e "descartáveis" cadernos de planejamentos docentes do segundo ciclo

para o ensino de história. Entendendo que o cotidiano pode ser caracterizado pelo autor como:

[...] aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível [...] (CERTEAU, 1996, p. 31).

Diante do exposto, o artigo tem como objetivo destacar a representação das práticas docentes desvelada nos cadernos de planejamento docente quanto as propostas para o Ensino de História na Rede Municipal de Umuarama, sendo 6 são cadernos modelo universitário de 10 ou 12 matérias, 2 pastas catálogos, 1 pasta de arquivo do tipo fichário e 1 pasta polionda.

Os Cadernos como Fonte e/ou Objeto para a Escrita da História:

Problematizar os papéis ‘ordinários/miúdos’ de acervo pessoal dos professores que atuam anonimamente nas escolas, permite apreender saberes, crenças, valores e práticas considerando-as como partícipes de uma “[...] história da linguagem e da cultura escrita [...] uma história das diferentes práticas do escrito [...] capazes de gerar modos de pensar o mundo e construir realidades”(CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 133). Objeto ordinário da educação escolar, o caderno é reconhecido como instrumento fundamental da escolarização moderna, apesar disso, muitas vezes, parece ser invisível aos olhos. Numa concepção etimológica, tem origem na palavra latina *quaterni*, de *quattuor* que significa folhas de papéis agrupadas protegidas por uma capa; caderno escolar; caderno de rascunho. Eles aparecem quando os papiros e pergaminhos são substituídos por folhas organizadas, que favoreciam o transporte das atividades de leitura e escrita (SANTOS, 2002). Os estudos que abordam os cadernos escolares têm sido fecunda temática no campo da escrita da História da Educação sobretudo nos aportes teóricos de (MIGNOT 2008); (VIÑAO 1998,2002, 2008); (GVIRTZ 1997, 1999); (CHARTIER 2002, 2007), (VIDAL 2005) (CUNHA, SOUZA 2015) e revelam que o caderno escolar começa a circular nas escolas brasileiras, nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, com o surgimento dos grupos escolares, a partir da escola republicana, que previa uma organização mais complexa e racional o caderno adentrou ao fazer escolar (MIGNOT, 2008). Tais abordagens fizeram-se possíveis pela ampliação do conceito de documento oriundo das discussões propostas pela Nova História Cultural. Documentos como atas de exames, boletins de frequência e de avaliações, diários de classe, livro de assinaturas de ponto, currículos, mapas estatísticos, planos de aulas, apostilas, livros, atas de reuniões, fotos, cadernos de classe de ex-alunos, dentre outros, podem revelar muito sobre o cotidiano e a cultura escolar, não mais sob o ponto de vista apenas estratégico/oficial, revelam inclusive como os docentes se apropriam de alguns saberes e subvertem as suas práticas escolares (CERTEAU, 1996). Esses materiais são escassos pois, na maioria das vezes, são descartados ao final de um período letivo. Podemos perceber que mesmo com o recorte contemporâneo desta pesquisa, o ato de “caça” as fontes, foi dificultado em razão da não existência de uma política de preservação documental, porque não eram vistos como fontes históricas de pesquisa. Os cadernos escolares constituem uma fonte ao mesmo tempo, fascinante e enigmática, difícil de tratar e de interpretar, justamente por sua aparente banalidade” (CHARTIER, 2007, p. 23).

“[...] cadernos de alunos, planos de aula, diários de classe são os primeiros documentos a serem jogados fora do arquivo morto na hora de uma limpeza”. Logo, todo “[...] o cotidiano das relações pessoais estabelecidas tende a se perder”. Em contrapartida “[...] pilhas e pilhas de Diário Oficial atolam os arquivos, multiplicadas nas unidades escolares” (VIDAL, 2005, p. 38).

Cadernos guardados como uma lembrança, estão bem conservados e para ter a materialidade final que se apresentam, muitos motivos podem estar presentes, sobretudo os subjetivos. De acordo com, Philippe Artières (1998), arquivar a própria vida para preservar a memória, testemunhar acontecimentos, imortalizar a experiência. O autor afirma que se arquivar para ter a identidade reconhecida, controlar a vida, recordar e retirar lições do passado, preparar o futuro e inscrever a existência: “[...] arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo”(ARTIÈRES, 1998, p. 31). A história presente nos cadernos escolares tem muito a ver com a relação do produto com quem o preserva, por isso quem arquivar um caderno tem um determinado sentido, haja visto que a seleção foi anteriormente feita tanto por aqueles que produziram como por aqueles que conservaram o material. Nesse sentido a história será sempre um “conhecimento mutilado”, pois só conta aquilo que foi possível saber a respeito do que se quer saber (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 79). Na catalogação das fontes do período recortado por exemplo, identificamos que em decorrência da ausência de problematização da temática e falta de política pública de arquivos, os pesquisadores têm encontrado esses materiais em arquivos pessoais, familiares, públicos e em museus pedagógicos. De igual modo, localizamos os cadernos e demais suportes de registros escolares que constituem o corpus documental deste estudo em arquivos pessoais de 10 professores (MIGNOT, 2008).

Sob a ótica da memória e entendendo que a instituição escolar preserva aquilo que compreende como importante, podemos destacar que os cadernos de planejamento docente não são valorizados em seu próprio contexto (MIGNOT, 2008). Segundo Viñao (2008), se configura caderno, um conjunto de folhas costuradas de antemão em forma de livro que formam uma unidade ou volume, que são utilizados com fins escolares e que podem ou não ter a capa personalizada ou padronizada, grandes ou pequenos, com linhas ou não, com margens, espessuras e folhas diferentes. Os cadernos escolares podem ser caracterizados como:

Fonte para o conhecimento das imagens e representações sociais sobre a infância, a escola, a família e outros temas similares; como instrumentos de aculturação escrita; como veículos transmissores de valores e atitudes ou um modo de doutrinação ideológica e política; como uma forma a mais de trabalho dos alunos junto aos exercícios e folhas soltas. [...] como meio para o estudo do currículo e das diferentes disciplinas e atividades escolares; [...] como uma inovação educativa dentro do movimento internacional da Escola Nova e como um instrumento de expressão pessoal e subjetiva do aluno (VIÑAO, 2008, p.18).

O uso desse objeto na escola, estava associado ao barateamento do papel e aos avanços tecnológicos de sua produção; aspectos estruturais e organizacionais da forma de se pensa o registro, contribuiu para a expansão dos cadernos.

“[...] em substituição à lousa, no entanto, era mais usual apenas nas salas de aula das escolas da capital daquele estado [São Paulo]. Nas escolas do interior, ela ainda sobreviveu até meados de 1940, demarcando a iniciação do universo das letras”. Foi somente quando as grandes empresas caderneiras (Credeal, Jandaia, Tilibra, entre outras) modernizaram seus parques gráficos que o caderno tornou-se acessível financeiramente, por conseguinte, comum aos alunos e transformado em objeto essencial no contexto escolar (MIGNOT, 2008, p.80).

Diante disso, o caderno não é mero suporte físico, ao contrário, é um dispositivo que gera efeitos na dinâmica da sala de aula, por meio da interação entre o que está proposto e a prática pedagógica (PORTO, PERES, 2009). Um “[...] testemunho precioso do que pode ter sido e ainda é o trabalho escolar” (HÉBRARD, 2001, p.121), consciente de que nem tudo está nos cadernos, que silenciam sobre as intervenções orais ou gestuais de professores, mas muito se representa.

A MATERIALIDADE DOS CADERNOS DE PLANEJAMENTO DOCENTE DE HISTÓRIA DA REDE MUNICIPAL DE UMUARAMA

A descrição da materialidade do caderno “desinvisibiliza” esse documento, bem como a sua análise meticolosa pode ser portadora de sentidos nas relações com os usuários, assim como pode apresentar uma perspectiva ou representação de como se deu a veiculação do suporte de escrita num determinado contexto escolar, nos permitindo analisar a padronização/normatização ou não presente neles.

Contra a representação, elaborada pela própria literatura, do texto ideal, abstrato, estável porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do “autor”; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor (CHARTIER, 2002, p. 126).

Ao eleger os cadernos como fonte devemos analisar a composição da sua materialidade a fim de verificar alguns aspectos como: a padronização ou não do tamanho, formato, material, estética, capa e quantidade de laudas; se as propostas registradas são feitas a caneta, digitalizadas, xerocopiadas e os elementos aparecem na organização dos conteúdos nos cadernos. O quadro 1 nos revela os aspectos materiais que dão ao caderno de planejamento docente sua identidade. Nesse contexto, os cadernos de planejamento docente servem como um suporte para materializar os saberes pedagógicos, apropriados pelos docentes, ressignificados e materializados em uma folha impressa A4, 210x297mm, gramatura 75gr, posteriormente anexada a uma pasta catálogo com 50 ou 100 envelopes, 0.12 micras 250 x 340 mm com 4 parafusos metal, lombada 4 cm courvin liso ACP – PRETO, com capa de tecido, estampado, papel contact ou fichário tamanho A4, Lombada de 50 mm, dimensões: 260 x 310 x 50 mm decorações produzidas pelo próprio docente. A materialidade do caderno toma nova forma de registro, porém “cada caderno tem o jeito de cada um que o produziu[...], de suas preferências e da forma como se tratavam essas preferências” (GRINSPUN, 2008, p. 261). Ao longo dos anos, os cadernos escolares sofreram modificações em função da modernização gráfica, do barateamento do custo do papel, da expansão da indústria caderno e do aumento substancial de estudantes nos bancos escolares. Deixaram de ser costurados e colados e passaram a ser grampeados ou espiralados. Desapareceram também das capas os nomes dos autores, as indicações para adoção e a assinatura dos ilustradores que sinalizavam para a importância atribuída aos cadernos escolares (MIGNOT, 2008). Os cadernos de planejamento mais recentes (final de século XX e início do século XXI) são datilografados ou digitados e impressos em folhas brancas soltas, numa escrita mais lacônica, estruturada, restringindo o registro, a uma descrição mais técnica (com objetivos, estratégias e formas de avaliação) do que metodológicas (MIGNOT, 2008). De acordo com Viñao (2008), “[...] o caderno é um produto da cultura escolar, determinada a forma de organizar o trabalho em sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os saberes acadêmicos e dos ritmos, regras e pautas escolares” (VIÑAO, 2008, p. 22). O quadro 2 nos revela algumas dessas regras, pautas e saberes presentes nos cadernos de planejamento que expõem frequentemente dados que os caracterizam e lhes constituem a uma regulação. De 2009 a 2014, o cabeçalho por exemplo, é um elemento estrutural que destaca o dia em que a aula foi ou deveria ter sido aplicada, uma regulação representada em todos os cadernos de planejamento, antecipadamente a apresentação dos conteúdos. O quadro de horário de aula é um elemento organizacional presente em alguns cadernos, no entanto identificamos que os cadernos de 2009 a 2010 não apresentavam o horário de aula, talvez por ser o mesmo docente o ministrante de todas as disciplinas, assim ficava sob o critério do docente qual dia e hora seria pertinente para abordar as demais disciplinas.

HORÁRIO	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
13:15 - 15:30	3º C (H)	5º B (H)	H. A.	1º B (H)	2º B
15:45 - 17:15	Pré I C (N)	4º C (H)	H. A.	1º C (H)	H. A.

Imagem 1. Horário de Aula, Caderno de Planejamento Docente, 2013 Fonte: Caderno de Planejamento, 2013

[...] os cadernos não refletem nem dizem nada sobre os tempos improdutivos ou intervalos entre uma e outra tarefa. Também não informam sobre o que os demais alunos fazem ao mesmo tempo em que o aluno escreve, desenha ou faz contas ou sobre o que o professor faz, em especial quando se desloca entre as mesas vendo e controlando o que os alunos estão fazendo, dando tarefas ou deveres a algum deles, resolvendo dúvidas, intervindo em alguma conversação ou iniciando-a, fazendo indicações corretoras sobre o andamento etc., ou seja, combinando o ensino individual com o simultâneo a toda a turma ou a diferentes grupos dela (VIÑAO, 2008, p. 26).

O calendário é outro elemento organizacional presente nas rotinas dos cadernos de planejamento analisados, ele veicula os dias letivos, feriados, recessos, dias de complementação de carga horária, reuniões pedagógicas, formações continuadas e marcações pessoais de datas significativas para o docente. A prática de “[...] preceder com a data a qualquer atividade escrita no caderno dá a ele o lugar de relógio e o status de documento”, permitindo, assim, conhecer “[...] o itinerário de cada criança, série ou professor, em nível de tempo e produção” (SANTOS, 2002, p. 94). Um carimbo ou assinatura da coordenação pedagógica são um instrumento de regulação e vigilância que o campo da estratégia possui sob os docentes. (FOUCAULT, 2002). Com os seus efeitos de autodisciplina e autorregulação, faz com que as docentes estejam em conformidade com as regras que foram estabelecidas para elas. Esses instrumentos de regulação estão presentes nos 10 cadernos de planejamentos analisados. Percebido com maior frequência a partir da inserção da ficha de Avaliação da ação pedagógica do professor. Tal pista nos revela um dispositivo de vigilância permanente que visava garantir a execução das propostas de acordo com o currículo oficial ou o mais próximo dela possível. Há nos últimos anos uma mudança material significativa das fontes, o antigo caderno de brochura ou espiral em que o professor registrava o cabeçalho com identificação da escola, dia, mês, ano, nome da disciplina e atividades que seriam desenvolvidas, dá lugar a um planejamento estrutural de formatação com rotina semanal, conteúdo, objetivos detalhados e descrição densa do que se pretende realizar em sala. Essa descrição densa de como seria realizada a prática docente, é denominada de desenvolvimento, compõe na maioria das vezes na descrição as atividades pedagógicas de registro anexadas. Nesse sentido, podemos dizer que existe uma cultura do caderno escolar como espaço gráfico integrada por determinadas pautas sobre a forma, o conteúdo e a disposição ou ordem “*mise em page*”, na página” (VIÑAO, 2008, p. 23). A mudança na forma de planejar é representada nas propostas para o 4º e 5º ano dos cadernos de planejamento docente analisados, com formas mistas de registros (manuscritos e digitalizados) para apresentação dos conteúdos, a quantidade de laudas variam de 36 a 76 ao final dos quatro bimestres.

A maior quantidade de laudas descritivas do planejamento, ocorreu a partir de 2012, um indicio de desdobramento do formato das propostas e a descrição do desenvolvimento digitalizado. Mesmo os professores que utilizam os cadernos como um suporte para colar e materializar o resultado final do seu planejamento, a maioria deles a partir de 2013, os fazem depois da escrita gráfica digitada no computador e não mais a de próprio punho. Cada caderno exprime marcas individuais do docente que o utilizou, de acordo com Oliveira (2008, p.131), nos cadernos “[...] descobrimos marcas da singularidade de cada um no uso, implicando na exigência e domínio de alguns saberes bastante específicos ao seu manuseio e preenchimento”. Em cada adesivo, escolha de capa, personalização do material, estão imbricados de marcas pessoais, modos de ser e fazer docente.

Quadro 1. Aspectos materiais dos Cadernos de Planejamento Docente- 2009 a 2014

Ano do Caderno	Tipo de Cadernos	Tamanho	Gramatura	Capa	Quantidade de laudas	Quantidade de laudas com propostas para o 4º e 5º ano
2009	Caderno Espiral	200x275mm	56g/m	Capa dura-Paisagem	240	54
2010	Caderno Espiral	200x275mm	56g/m	Capa dura-Cupcake	240	75
2010	Caderno Espiral	200x275	56g/m	Capa dura-Maquagem	200	46
2011	Caderno Espiral	200x275	56g/m	Capa de E.V.A personalizada	200	52
2012	Caderno Espiral	200x275	56g/m	Capa dura Pretty Girls	240	36
2013	Pasta Polionda	250x20x335 mm	75g/m	Sem capa	180	39
2014	Pasta Arquivo	285x345mm	75g/m	Capa de papel Contact-Personalizada	300	48
2014	Pasta Catálogo	243 x 330mm	75g/m	Capa preta original	250	79
2014	Caderno Espiral	200x275mm	75g/m	Capa Dura-Pop Fashion	240	75
2014	Pasta Catálogo	243 x 330mm	75g/m	Capa preta original	250	70

Fonte: Organização da Autora, 2018.

Quadro 2. Elementos presentes nos Cadernos de Planejamento, 2009 a 2014

ANO	CABEÇALHO	HORÁRIO DE AULA	CALENDÁRIO	ROTINA SEMANAL	NOME DO CONTEÚDO	OBJETIVO DO CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO manuscrito	DESENVOLVIMENTO Digitado	CARIMBO EOU ASSINATURA DA COORDENAÇÃO	FICHA DE AVALIAÇÃO DA AÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR	ATIVIDADES XEROGRAFADAS	LISTA DE NOME DOS ALUNOS	PAUTAS AVALIATIVAS
2009	X	-		X	X	X	-	X	X	-	X	-	-
2010	X	-		X	X	X	-	X	X	-	X	-	-
2010	X	-		X	X	X	-	X	X	-	X	-	-
2011	X	X		X	X	X	-	X	X	X	-	-	-
2012	X	X		X	X	X	X	-	X	X	-	X	X
2013	X	X		X	X	X	-	X	X	X	X	X	X
2014	X	X		X	X	X	-	X	X	X	X	X	X
2014	X	X		X	X	X	-	X	X	X	-	X	X
2014	X	X		X	X	X	X	-	X	X	X	-	X
2014	X	X		-	X	X	-	X	X	X	X	X	X
Total	10	7		10	10	10	2	8	10	7	7	5	6

Imagem 2. Rotina Semanal do Caderno de Planejamento Docente de História

SEGUNDA-FEIRA	2º Ano "A" Cultura Indígena -Identificar hábitos e costumes indígenas que influenciaram nossa cultura.	1º Ano "A" História dos Povos Indígenas -Conhecer os povos indígenas e a sua forma de ser, viver e trabalhar. -Identificar hábitos e costumes indígenas
TERÇA-FEIRA	3º ano A Comunidade Indígena que habitou no município. <ul style="list-style-type: none"> Saber o que aconteceu aos indígenas depois da colonização. (Retomada de Conteúdos) -Saber sobre a realidade em que se encontram os remanescentes da comunidade Xetá atualmente. 	3º ano B Comunidade Indígena que habitou no município. -Saber sobre a realidade em que se encontram os remanescentes da comunidade Xetá atualmente.
QUARTA-FEIRA	Hora-atividade	
QUINTA-FEIRA	4º Ano "A" Retomada: Povos Indígenas do Paraná. -Conhecer as reduções e finalidade	5º Ano "A" Colonização e exploração Portuguesa na América -Conhecer as causas e consequências da colonização portuguesa no Brasil
SEXTA-FEIRA	PRÉ II Seres Humanos: características e necessidades vitais -Perceber as necessidades vitais do ser humano. (água, alimentação e respiração).	Hora-atividade

Fonte: Caderno E, 2013.

Quando essas marcas aparecem, podem ser caracterizadas como astutas anotações para acrescentar algo ao planejamento, depois de registrado o dispositivo de vigilância (assinatura do coordenador pedagógico); ações cotidianas que não estavam prescritas, mas o professor as realiza, indícios de táticas subversivas. Nos momentos em que não estão sendo observados pelos dispositivos panópticos, os registros manuscritos a caneta ou lápis, nas bordas ou rodapé dos desenvolvimentos das propostas, se constituem como práticas e marcas de bricolagem. Nesse sentido, os cadernos de planejamento docente se prestaram significativamente como um instrumento de vigilância, pois o controle exercido em sua constituição visou “fabricar” indivíduos potencializando a força desses, controlando minuciosamente as operações dos corpos para dominá-los, torná-los úteis e obedientes. “O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem visíveis aqueles sobre quem se aplicam” (FOUCAULT, 2002, p. 143). Controlar e obter informações das propostas produzidas pelos docentes e representadas no caderno de planejamento, está diretamente associado a ideia de sentinela da estratégia à prática do professor. Sendo a primeira a que observa, vigia e controla, dando uma possibilidade de constituir um saber sobre aquele que é controlado (FOUCAULT, 2002). Sob esse pressuposto o caderno de planejamento docente, um suporte de registro memorial de parte dos saberes e práticas propostas para o Ensino de História do segundo ciclo, cumpre regularmente a função de proporcionar o controle e o conhecimento, por parte do currículo oficial, daquilo que o professor fabrica. Pois, cada lauda desse material constitui-se espaço de registro daquilo que foi ensinado/proposto, suas intenções, prescrições e ações.

A BRICOLAGEM DOCENTE REPRESENTADA NOS CADERNOS DE PLANEJAMENTO DOCENTE DO 2º CICLO

Bricolage, uma palavra de origem francesa, utilizado para associar a fabricação de um trabalho manual improvisado, produzido com diferentes materiais. Empregado por Lévi-Strauss para expressar a seleção de elementos de uma cultura, o termo foi ressignificado por Derrida como um sinônimo de colagem de diversos textos em uma determinada obra e utilizada por Cerneau para representar a junção de diversos elementos culturais que se desdobram em algo novo (STRAUSS, 1976; DERRIDA, 1971; CERTEAU, 1994). Dentre as múltiplas possibilidades de investigação e interpretação do trato com os cadernos de planejamento docente, apresentamos indagações sobre o olhar de quem o registrou/produziu em forma de propostas (docentes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I) a fim de representar o contexto histórico do recorte temporal 2009 a 2014, com os procedimentos metodológicos construídos ao longopesquisa, os saberes e as práticas empregados e produzidos pelos docentes de História para determinados conteúdos (CHARTIER, 2002). Porém:

[...] conhecemos mal os tipos de operações em jogo nas práticas ordinárias, seus registros e suas combinações porque nossos instrumentos de análise [...] foram constituídos para outros objetos e com outros objetivos [...] nossas categorias de saber ainda são muito rústicas e nossos modelos de análise por demais elaborados para permitir-nos imaginar a incrível abundância inventiva das práticas cotidianas (CERTEAU, 2002, p.341).

Mesmo que as propostas presentes nos cadernos de planejamento não sejam ideias inicialmente dos professores, se caracterizam frutos da ordem estratégica (currículo oficial), pois, os docentes ao se posicionarem frente a esse material, se apropriam, imprimem nele suas marcas singulares, bricolam os ideais pedagógicos, ressignificam e produzem novos saberes, portanto, são autores/coautores de novos saberes (as propostas para o ensino de história materializadas nos cadernos docentes) (CERTEAU, 2002). Em sua quase invisibilidade os docentes revelam nas propostas “[...] suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas ‘piratarías’, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável” (CERTEAU, 2002, p. 94). Sob a ótica da verossimilhança enfatizamos que os documentos oficiais são muito importantes para compreender aspectos relativos à

vida profissional docente, no entanto os acervos pessoais fornecem algo mais ao pesquisador, podendo inclusive, revelar questões mais profundas e sensíveis a respeito daqueles que os produziram (SARLO, 2005). Os 10 cadernos analisados trazem elementos semelhantes em cada proposta, mas, não caracterizam um padrão no desenvolvimento das atividades, apresentam uma rotina semanal que antecede o planejamento dos conteúdos, conforme a imagem 2. A sistematização dos saberes no caderno é denominada de rotina, uma estrutura apresentada antecipadamente ao conteúdo abordado e a explanação da metodologia em 9 dos 10 cadernos analisados, destaca os dias de aula semanal, os conteúdos, os objetivos, datas, períodos e a hora-atividade (momento em que o professor planeja, produz, cria, fabrica, bricola os saberes e as atividades que desenvolveria durante a semana).

Essa rotina é uma forma estrutural de registro do trabalho docente prescrita pela rede municipal, a partir de 2005 sob os pressupostos da estratégia à todas unidades e disciplinas escolares. Com a rotina semanal, os cadernos apresentam as práticas sugeridas pelo docente; a essa apresentação do conteúdo denomina-se como “Desenvolvimento” e consiste em uma síntese descritiva dos caminhos metodológicos que o docente abordaria o conteúdo diariamente em cada turma, algumas propostas são sucintas, outras detalhadamente, minuciosamente descritas, algumas rotinas apresentam os objetivos propostos, outras os objetivos aparecem apenas no desenvolvimento. Nessa ação, cada professor recebe a orientação da estratégia com o que deve conter em sua rotina, no entanto a ressignifica, (uma ação tática), o resultado dessa ressignificação demonstra diferenças na formatação e apresentação dos quadros de rotinas nos cadernos analisados (alguns foram construídos esteticamente na horizontal, outros na vertical ocupando uma folha inteira, impressos ou apenas manuscrito). Os conteúdos dispostos no planejamento curricular são os mesmos em todas as turmas da rede municipal, no entanto, cada escola tem os dias determinados para que as aulas de História aconteçam, a partir da realidade local das unidades de ensino. Ao analisar as rotinas semanais produzidas pelos docentes, identificamos que todos os cadernos apresentam um cabeçalho com o nome do conteúdo a ser trabalhado e os objetivos a serem atingidos; as fontes gráficas presentes nos cadernos analisados foram Calibri, Arial, Times New Roman e Manuscrita.

Mesmo com itens gráficos semelhantes controlados pela lógica da instituição de ensino, os cadernos possuem uma organização gráfica própria, a invenção pessoal, desveladas nas margens, contracapas, folhas finais. Ao longo do recorte temporal, as formas de registrar o acontecer cotidiano da sala de aula sofreram mudanças, evidenciando que não só os conteúdos, mas a distribuição do tempo e as metodologias foram alterados. Podemos afirmar que apesar das similaridades presentes no registro do horário de aula, cada docente faz uso da caligrafia específica, cursiva e outro da caligrafia gráfica/digital. As escritas ordinárias têm sido dimensionadas, pela pesquisa historiográfica, não somente como parte do consumo passivo dos conteúdos escolares, mas como parte das práticas cotidianas de consumidores que desenvolvem táticas para fugir de uma prescrição, de uma norma estabelecida e desenvolvem gostos, práticas e suas próprias artes de fazer (CERTEAU, 1994). Nesse sentido compreendemos os cadernos de planejamento docente como “[...] suporte de escrita portador de marcas de quem o produziu, assim os registros ali presentes assinalam um percurso da memória escolar e o tornam um documento, uma vez que é possível analisar e investigar as condições de sua produção histórica” (LOPES, 2008, p. 190). Pressupomos que o caderno de planejamento docente, mesmo formulado para cumprir função de artefato de uso protocolar sob a supervisão panóptica da estratégia, configura-se, como um campo de apropriação significativo das artes de fazer docente, pois também revela/representa subversão, resistência e bricolagem desses sujeitos. Construir a historicidade desses materiais, tão envolventes e raros de serem encontrados em boas condições, envolve um ato interpretativo e a incorporação da premissa de que o real, nesse sentido, é sempre uma construção (CUNHA, 2005; CHARTIER, 2007). Há a presença diversos gêneros textuais utilizados como para leitura compartilhada

no início das aulas de História. Essa ação planejada pelo professor nos dá indícios, de que o ensino de História no ensino fundamental, aparece associado com outras disciplinas e com práticas pedagógicas interdisciplinares, especificamente as de alfabetização e letramento. Os cadernos de planejamento apresentam divisão diária do Pré I ao 5º ano, a ordem do planejamento ocorre de acordo com o atendimento que o professor fará na turma, o currículo é o mesmo em toda a rede municipal, no entanto, a organização dos cadernos se diferem, haja vista que cada unidade escolar tem uma organização para a hora-atividade. Esta hora-atividade consiste no momento em que o professor faz o planejamento semanal de trabalho para a sua turma, enquanto os respectivos alunos são atendidos duas horas por um professor de Arte, Educação Física ou História, assim, a rotina semanal difere os dias de atendimento em segunda, quinta e sexta-feira. Os conteúdos são separados bimestralmente e o docente tem autonomia para escolher qual conteúdo planejará em cada semana, desde que garanta a contemplação de todos durante cada bimestre. Antes da descrição das aulas e registro em seu caderno, o docente adota uma forma estrutural de apresentar o conteúdo denominada de rotina semanal, esta apresenta o eixo norteador, conteúdos e quais objetivos deverão ser trabalhados, uma sistematização de conteúdos pré-elaborados por meio de escrita manual ou digital. Identificamos que 1 dos cadernos de planejamento docente analisados, não apresenta o modelo estrutural e formatado em rotinas empregado às práticas pedagógicas para o Ensino de História. No exercício da bricolagem o docente aborda os conteúdos prescritos pelo currículo oficial, mas dá à sua materialidade, características próprias, o que nos revela ideais de resistência.

Considerações

Os suportes e utensílios da escrita ao longo do recorte se modificaram, os mais antigos são, manuscritos e em cadernos grampeados e pautados, com exercícios mimeografados colados e, muitos deles, repletos de decalques e recortes de flores, crianças, imagem de animais e paisagens. A maioria dos cadernos analisados foram digitados e impressos em folhas brancas soltas, numa escrita mais lacônica, com descrição do que foi ou seria realizado, restringindo o registro, na maior parte das vezes, aos objetivos, estratégias e formas de avaliação (MIGNOT, 2003). Averiguamos que não há padronização no material quanto a estética, capa tamanho, formato e quantidade de laudas dos cadernos analisados, no entanto há uma valorização da organização sistêmica e estética. As propostas são redigidas graficamente de letra cursiva em dois cadernos. Há 8 cadernos em que as propostas são digitadas no computador, impressas e coladas no caderno que lhe dá suporte ou anexadas em pasta catálogo, arquivo ou polionda. Para organização dos conteúdos nos cadernos aparecem os elementos: cabeçalho; calendário ou marcação temporal; horário de aula; rotina semanal; nome do conteúdo; objetivos do conteúdo; desenvolvimento do conteúdo e atividades impressas utilizadas como apoio ou suporte para abordagem dos conteúdos semanais. Mesmo com a linearidade presente no planejamento curricular produzido pela Secretaria Municipal de Educação, ou seja, sob a óptica das estratégias, os cadernos docentes apresentam sua própria organização e seleção dos conteúdos de acordo com a realidade escolar, haja vista que a disciplina de História é trabalhada em duas horas semanalmente, em dias alternados, de acordo com a organização da hora-atividade de cada instituição.

Identificamos por fim, que as metodologias representadas nos cadernos de planejamento são desdobramentos das apropriações docentes, que mesmo sob dispositivos os panópticos da estratégia, interpretaram, ressignificaram, bricolaram e imprimiram à essas propostas a sua subjetividade, o que as tornam práticas docentes singulares, “reelaboradas” e muito representativas, mesmo diante de um encaminhamento padrão. Portanto, tem muito a revelar sobre a cultura escolar.

REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Estudos históricos: arquivos pessoais, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 9–34, 1998.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 5, p. 93-124, 2003.
- CERTEAU, M. de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.
- CHARTIER, Anne-Marie. Os cadernos escolares: organizar os saberes, escrevendo-os. *Revista de Educação Pública*. Cuiabá, v.16, n. 32, 2007, p. 13-33.
- CHARTIER, Anne-Marie. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, n. 3, 2002, p. 9-26.
- CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. Tradução de Fúlvio M.L. Moretto. São Paulo: Ed UNESP, 2002.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir (trad. Raquel Ramallete). 28ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. Velhos cadernos, novas emoções. In: MIGNOT, A. C. V. (org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 257-265.
- LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MIGNOT, Ana Crystina Venancio (org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: Uerj, 2008.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo com os cadernos escolares: sujeitos, subjetividades e práticas sociais cotidianas na escola. In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio. *Cadernos a vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- SANTOS, Vera Mendes dos. Nascimento dos cadernos escolares: um dispositivo de muitas faces. 2002. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima. VALDEMARIN, Vera Teresa (org.). *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 3-30.
- VINHAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio (org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: Uerj, 2008, p. 15-28.
